

5.B

VON SCHMIDT, Carlos. De concretismo & Fiaminghi. *Revista Artes*, (50): nov.-dez. 1977.

Obs: cidade e pg.?? *São Paulo, p.4*
CABRAL, Isabella; AMARAL REZENDE, M. A. **Hermelindo Fiaminghi**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 154.

Enquanto os rumores da polêmica repercutiam nos ateliês, galerias, museus, bares e botequins, um artista concreto participante da manifestação concretista paulista, rompeu longo silêncio a que se impôs a maioria dos concretistas. Hermelindo Fiaminghi, como a Fênix ressurgida das cinzas "do morto e enterrado" e agora exumado concretismo, voltou a expor. Poder-se-ia objetar que a exposição de Fiaminghi na galeria A Ponte, Rua Haddock Lobo, 1005, foi um anacronismo histórico-artístico. Afinal, o próprio Gullar, um dos exegetas do concretismo e neoconcretismo, faz questão cerrada de não voltar ao assunto. Por que então está exposição? Será que a mostra da Pinacoteca foi para os concretos um toque de reunir? De voltar a ocupar espaços dos museus, galerias, jornais e revistas? Talvez.

Se para Gullar o concretismo é defunto, para muitos artistas que participaram daquela manifestação artística continua, como aquele célebre anúncio de *scotch, still young*. Fiaminghi é um deles. Para ele o impulso, a carga artística, estética que determinou o gesto criativo, continua vivo e em perfeita saúde. Embora saiba, como todos nós, que o momento histórico, cronológico, do concretismo e neoconcretismo já era. Isso porém não impede que aqueles artistas que se filiaram àquela escola, se é que podemos considera-la assim, façam, como Fiaminghi, um *ritorno* ao passado, tomando-o como referencial para o presente. Definitivamente, não creio em ciclos fechados.

Acredito somente na abertura ou aberturas das proposições. Sobretudo, na perene continuidade do gesto artístico. Não acredito na obra isolada. Única. A obra de cada artista começa no seu primeiro rabisco, quando a arte ainda não existe para ele. Mas é continuação dos *gráfitti* de Lascaux, de Altamira. Faz parte de sua obra, mas também integra todas as obras do universo. É parte integrante, vital.

O fato de Fiaminghi reportar-se aos *Virtuais* dos anos 50, às retículas Corluz dos anos 60, reciclando-os, emprestando-lhes nova existência e vivência, não só me pareceu coerente, como também inteligente. Sempre acreditei muito mais em variações sobre um mesmo tema do que em especulações pretensamente criativas, que não levam a nada. Quando muito a diluições que se caracterizam pela inconsistência artística e pela total ausência de uma ideologia própria.

Em matéria de arte, declaro-me poundiano; só acredito em arte quando "carregada de significado até o máximo grau possível". Nesta exposição, este significado existe. O simples fato de Fiaminghi voltar aos estudos dos anos 50, significa do ponto de vista filosófico e estético, que o artista considera-os essenciais à obra do presente. Para ele aqueles estudos são fontes não exauridas. Válidas, atuantes. Detentoras de tal força que vinte anos depois impõe-se com vigor e presença. Saudosismo? Nostalgia? Oportunismo? Não! Apenas reafirmação de um gesto do passado, continuando-o no presente. Nada mais.